Ao alc@nce de um click

T. M. GRACE

EDIÇÕES VIEIRA DA SILVA

AGRADECIMENTOS

Aos meus leitores pela preferência, bom gosto, audácia em investirem e lerem a obra de uma autora portuguesa que ainda não é figura pública.

Às pessoas anónimas que com as suas histórias de vida, de alguma forma serviram de inspiração para este livro.

À minha Editora que apostou em mim e neste projeto e que acreditou desde o primeiro instante de que o conteúdo deste livro é algo pertinente, interessante e que passa uma mensagem importante.

And last but not the least.

Aos meus filhos que têm sido sempre a minha âncora, agradeço todo o amor, compreensão, carinho, paciência e ajuda.

À minha mãe, pelo carinho e apoio.

Ao universo que vai colocando as circunstâncias e pessoas certas no meu caminho para me ajudar neste trabalho e a passar as mensagens que tenho de passar.

Um beijo e a minha imensa gratidão.

PREFÁCIO

A vida de cada um de nós é feita de fragmentos, fragmentos esses compostos por bons e maus momentos, os maus momentos tentamos a todo o custo enterrá-los com a máxima urgência para que, pelo sim ou pelo não, eles não renasçam das cinzas para nos atormentar, quanto aos bons momentos esses ficam cristalizados no tempo como se de uma relíquia de cristal folheada a ouro e platina se tratasse e são tão transparentes que tudo passa por eles mas eles continuam gravados, apenas sendo destruídos se o cristal se estilhaçar perante os impactos profundos com que a vida nos vai presenteando, quando se dão esses impactos os alicerces de uma existência são abalados e pode chegar-se ao ponto dessa estrutura não aguentar e as relíquias estilhaçam-se e apenas ficam pequenos fragmentos de boas memórias que na miscelânea de recordações guardadas na nossa mente e no nosso coração tomam proporções diferentes, as que jul-

gávamos perfeitas deixam de ter tamanho grau de perfeição e as que julgávamos horríveis deixam de ser tão hediondas porque cada uma delas serve para escrever a história da nossa vida e fazer de nós o que somos, seres únicos na imensidão do universo onde o nosso destino ficará gravado nas suas páginas densas a tinta prateada retirada do pó de cada estrela que nasce quando cada um de nós deixa este mundo.

Há quem diga que quando morremos tudo acaba, outros há que afirmam categoricamente que a nossa vinda a este mundo tal como o conhecemos é o nosso purgatório, um plano astral ao qual temos de regressar de quando em vez para irmos limando algumas arestas para que o nosso espírito que é o âmago do nosso ser possa ir evoluindo para um plano superior. Estou claramente inclinada a considerar a segunda hipótese porque efetivamente, no meu entender, se assim não fosse para que serviria então a nossa vinda a este mundo se não realmente para a nossa evolução? Para que serviria nascermos e morrermos nalguns casos tão cedo sem vivermos absolutamente nada? Acho que a vinda de cada um de nós é uma teia muito bem montada e cada pessoa que passa pela nossa vida tem um papel muito bem definido. Quantas vezes já demos por nós a ter de aturar anos e anos uma pessoa que não nos diz nada e que nos faz sofrer amarguradamente, inimizades, pessoas com as quais jamais nos identificaríamos? Qual seria o objetivo disso a não ser precisamente o ter de aprender, evoluir, compreender, perdoar, amar e respeitar essas diferenças? Ou então fazer ver a essa pessoa que há outra forma dela lidar com a vida e assim ela também estaria a aprender, seria um crescimento bilateral, como que uma troca

de conhecimentos e reconhecimento de que ambos os lados estariam a beneficiar de uma evolução contínua, uma proto cooperação. Neste caso, os dois estariam a ganhar porque eventualmente não estariam ambos num mesmo patamar evolutivo e os opostos sairiam vencedores mutuamente. O que necessitasse aprender com a derrota, iria crescer com a derrota imposta pelo seu arqui-inimigo e o que necessitaria evoluir com uma vitória sentir-se-ia engrandecido por sair vencedor. Uma moeda de troca que o universo criou para que todos os seres beneficiassem com ela.

Eu acho que o destino é um nome demasiado simples, talvez por ser uma palavra que encaixa tanta coisa e demasiado complexo para a maioria das nossas mentes limitadas. Para o Todo Poderoso que governa o universo deve ser algo tão simples como escrever a vida de cada um, as desgraças, as alegrias, os amigos, as doenças, tudo absolutamente tudo na nossa vida é escrito ao mais ínfimo pormenor e nem nos adianta por vezes revoltarmo-nos ou fazer projetos a longo prazo porque a qualquer momento a nossa história pode ser alterada assim à última da hora, reescrita para saírem protagonistas, entrarem novas personagens e enriquecer o argumento, complicar ou mudar drasticamente o rumo da mesma ou, assim como quem não quer a coisa, pura e simplesmente o argumentista pode decidir matar a personagem principal… Não quero com isto colocar a culpa no Deus que nos governa porque apesar do destino por vezes nos pregar partidas, também podemos fintá-lo e dizer *"desculpa lá mas hoje não vou por aí"*, até porque aquilo que emanamos, pensamentos, emoções, ações mais cedo ou mais tarde regressam à sua fonte de

origem, por isso a culpa que deitamos nos outros e na sorte, tem uma fonte e essa fonte somos nós mesmos e quando se faz luz, e começamos a mudar a frequência que emitimos, produzem-se mudanças extraordinárias que vêm de dentro. Por muito que respeitemos o nosso pai, nem sempre podemos dizer amén a tudo e também é-nos dado o livre arbítrio e podemos sempre improvisar e escolher uma estrada diferente na rota que alegadamente e segundo crenças que nos foram incutidas, foi traçada inicialmente e assim sendo como cada escolha tem consequências, seremos atingidos com os resultados dessas mesmas escolhas. Mas, se efetivamente o progenitor nos ama, ele vai entender e respeitar as nossas escolhas e vai estar lá para amparar as nossas quedas, secar as nossas lágrimas e estender a mão para que nos possamos levantar…Uma e outra vez, quantas vezes forem necessárias até continuarmos a ter força para o irmos fazendo ou até aparecer a derradeira frase "THE END" antes dos créditos finais e da lista do elenco que fez parte da vida de cada um de nós.

Estas histórias de vidas que cada um de nós vive e que acompanhando os tempos de hoje, já não ficam no núcleo da qual fazem parte. São contadas, expostas, exploradas, partilhadas à velocidade da luz e ao alcance de um click. São vistas em centenas de milhares de telas espalhadas pelos quatro cantos do mundo, mas contraditoriamente, quanto mais rápida é a sua partilha e exposição aos olhares e julgamentos alheios, maior será a velocidade do esquecimento, embora se diga que uma vez publicado na rede, nunca mais será apagado, eu particularmente não tenho essa visão, sim pode ser um

escândalo, sim pode ser algo que manche a nossa reputação, sim pode ser violência dura e crua, mas tudo passa, até porque os escândalos sucedem-se a cada minuto e escândalos reais, não apenas difamação ou injurias verbais de pessoas mesquinhas e que precisam da trama da vida alheia para imprimir algum interesse nas suas próprias vidas. Também é verdade que as mentes tendem a esquecer, quanto mais rápido, quanto mais poder tem a pessoa visada, é facto, mas tirando isto, quando acharmos que a nossa vida acabou, que a nossa reputação ficou para sempre manchada, quando não conseguimos sair à rua por vergonha do que os outros irão pensar, dizer-nos ou fazer-nos, reergue-se um novo eu, após um estado de sofrimento, surge uma nova pessoa que passou por um estágio difícil de sofrimento e depois renovação. Todavia não há necessidade de fazer como a lenda da águia tão divulgada nos livros e palestras de autoajuda, muito linda, porém falsa e sem fundamento científico, e auto mutilar-se, ou infligir-se mais dor, nunca foi, é ou será a solução. Até porque, infligir-se dor e sofrimento para haver uma mudança exterior, é algo que será apenas temporário, porque todos nós sabemos, consciente ou inconscientemente, que a mudança tem de partir de dentro e na grande maioria na quietude absoluta do nosso silêncio e não em performances espalhafatosas, ruidosas e show off para inglês ver ou para angariar simpatia, amor, atenção e compaixão alheia. Sem dúvida uma obra capaz de abrir a consciência de quem acha que a "rede" é um instrumento inofensivo de trabalho e lazer.

Com esta obra de ficção baseada em casos reais, o meu objetivo é dar a conhecer um pouco do que se passa no sub-

mundo das redes sociais. Além de expor várias histórias que me foram relatadas na primeira pessoa por conhecidos e no exercício da minha profissão, outras foram fruto de uma pesquisa e investigação exaustiva levada a cabo por mim, que enquanto dava vida a este livro, aliei esse mesmo trabalho de investigação e andei vários meses "infiltrada" em várias redes sociais, plataformas de encontros e algumas agências matrimoniais, com o meu nome verdadeiro (ou seja, sem recorrer a perfis falsos e sem mentir sobre quem eu realmente era). Neste livro vão conseguir perceber como agem os anónimos online, os golpes que dão porque o anonimato que o monitor de um computador ou qualquer outro dispositivo lhes proporciona, porque acham sempre que vão sair impunes e ilesos, quais as estratégias que usam para "capturar" as suas vítimas, para assim mostrar ao leitor da forma mais fidedigna possível o que realmente se passa nos bastidores de um qualquer chat ou plataforma de rede social, quais os perfis dos "predadores" online e quais são as pequenas coisas a que devemos estar atentos quando nos aventuramos no mundo virtual.

Quem mal não faz, mal não pensa e quando algo de novo se apresenta no nosso dia a dia e isso não faz parte do nosso reportório de conhecimento, muitas vezes não temos as "armas" certas para nos defendermos a não ser que passemos pelas situações em si, mas aí já é tarde, já estamos a ser confrontados com o problema e estamos diante do desafio. Cabe-nos a nós procurarmos as informações e conhecimento certo para encararmos o adversário de forma perspicaz. Espero que esta obra que será uma trilogia, ajude as pessoas, a estarem mais atentas aos sinais, a terem cuidado com quem se envolvem

emocionalmente ou não através das redes sociais, a tomarem precauções nos encontros às cegas porque atrás de um computador, há sempre histórias muito bem pensadas para envolverem as pessoas, de tal forma que muitas viram as suas vidas destruídas por indivíduos sem escrúpulos e sem caráter que entraram nas suas rotinas apenas com o intuito de destruir para dizer "EU CONSEGUI", como se fosse um jogo de realidade virtual que quando acabam as vidas, recomeça-se sem qualquer transtorno para as personagens. Todavia, a vida real é bem mais complexa, há pessoas reais, com sentimentos reais que são tratadas como lixo…

Qualquer semelhança com a realidade NÃO é mera coincidência, mas tive o cuidado de preservar as pessoas envolvidas, inclusive os autores de extorsão, fraude, assédio sexual e moral, e roubo de identidade. Porém tenho pena de ter de o fazer porque tenho a certeza de que estas pessoas não se ficarão por aqui e farão mais vítimas, mas pelo menos com a leitura deste livro os leitores saberão o modus operandi destes indivíduos. Especial atenção ao tema WEB.

Espero sinceramente que esta obra que escrevi com todo o cuidado e de forma fidedigna, possa alertar as pessoas que se aventuram pelo vasto mundo da REDE.

CAPÍTULO I

Estavam as cinco a almoçar no restaurante do costume. Nem sempre isso era possível, mas quando acontecia faziam a festa. Dava para desenferrujarem a língua e colocarem o clã a par das últimas novidades e aventuras de cada uma entre garfadas de batatas fritas e gargalhadas de engasgar, afinal todas desabafavam situações caricatas que só acontecem a quem não faz dos homens o prato principal e que é inteligente o suficiente para lhes dar apenas o valor que merecem, talvez a sobremesa ou um mero café para rematar a refeição e que sem esse extra acaba por não ter a mesma piada mas se não houver não se passa fome, sim porque afinal acho que passamos bem sem eles, pelo menos já não dependemos totalmente deles para nos sustentarem, não somos como as nossas avós que ficavam à espera o dia todo que o imperador regressasse ao doce lar com o salário para as compras da semana, hoje em dia e até a maior parte das vezes é a

mulher que sustenta a casa, os filhos e ainda os vícios do marido. Se as nossas avós decidissem colocar um ponto final no casamento não podiam porque iam para onde? Viviam do quê? Hoje em dia a mulher arregaça as mangas e come o pão que o diabo amassa, mostra de caras ao ex que ele não faz a menor diferença, ela consegue tudo sozinha, ganha para a casa e paga os estudos aos filhos, mantém uma carreira em ascensão, estuda e por vezes desdobra-se em mais do que um emprego. Afinal quem é que é incompetente aqui? Os homens quando ficam sem mulher não conseguem aguentar muito tempo sem, salvo raras exceções, eles precisam de nós para tudo, o que eles querem é chegar a casa após um dia de trabalho, os que o tem é claro e refastelarem-se no sofá com uma fresquinha na mão e o pires de amendoim no colo, ainda por cima a sujarem tudo enquanto a mulher que saiu do trabalho já tarde e a más horas tem de passar pelo infantário e trazer os filhos, coloca o jantar ao lume, dá banho aos miúdos, passa as roupas da família para o dia seguinte, põe roupa a lavar, adianta o almoço do dia seguinte e por vezes o aparvalhado do marido nem sequer deu conta que o refogado que a mulher colocara ao lume estava a esturricar. Não me considero feminista, apenas acho que o homem perdeu há muito a liderança nesta batalha e os que ainda acham que podem vencer porque estão à frente de algo, estão a perder terreno a cada dia que passa. Já viram ser mais adaptável às mudanças do que a mulher? Quando um homem fica sem o emprego de vinte anos dificilmente vê outra saída que não seja exatamente aquilo que fez a vida toda e se não for por aí provavelmente ficará sem emprego até ao resto dos seus dias.

A mulher se bater meia dúzia de vezes à porta de empregos na sua área e não obtiver resposta ela vai logo considerar outras opções e nem que tenha de mudar todo o rumo da sua vida ela não ficará à espera de maná no deserto.

Posso dizer com alguma segurança que Teresa é com certeza a mais conservadora das cinco, ou como dizem os nossos irmãos brasileiros, é talvez a mais careta. Certo, mas ela pode muito bem viver com isso e como diz a cantiga ela nasceu assim e vai ser sempre assim e ponto, quem não gostar, só tem um remédio, não se dá com ela e pronto. Ela nem sequer é a mais velha do grupo mas sei que provavelmente é a que tem uma forma mais peculiar e conservadora de ver a vida, nem sequer a considero recalcada e ela não se acha nem mais nem menos do que as suas amigas, Teresa apenas gostava de ter controlo sobre a sua vida, sobre os seus sentimentos, aliás acho que ela gostava de controlar tudo na sua vida e quando alguma coisa fugia do seu controlo ficava possessa e dava voltas feito uma barata tonta por as coisas não correrem como ela planeara.

– O que me irrita profundamente é quando eles vêm com aquele ar de superioridade e conversa machista de que Deus criou o homem em primeiro. Calo-lhes logo a boca mesmo batendo de frente com os interesses dos grupos defensores dos animais e respondo que as experiências se fazem primeiro nos animais e só depois nos seres humanos e que após a primeira ideia Deus teve uma ideia ainda melhor, aperfeiçoou-a e criou a mulher... Metem logo o rabinho entre as pernas e batem com os calcanhares que é um instante.

– Oh Teresa, assim nem lhes das uma hipótese de meterem conversa para te conquistarem.

– São uns idiotas armados em espertos é o que é... E quem disse que eu quero ser conquistada? Já fui uma vez… lembram-se? Acho que jamais conseguirei alguém que chegue sequer aos calcanhares do Santiago.

Era o prato principal do costume, dissecar os homens até não restar senão o esqueleto. Os temas eram sempre muito abrangentes e didáticos porque o grupo estava mais ou menos equilibrado, conseguiram juntar à mesa todos os estados civis, a Romi a professora de inglês solteira e boa rapariga pelo menos para a maioria das opiniões, a Isabel e a Maria casadas e mães de família, Maria tinha um pronto a vestir e Isabel era administrativa na empresa do marido, a Oriana que estava divorciada há pouco mais de um ano era advogada empresarial e Teresa, viúva há quase quatro anos, era psiquiatra. Quando ao início estas cinco mulheres começaram a conviver foi tipo uma convivência forçada porque não havia lugares disponíveis na hora de ponta ao almoço para cada uma se sentar onde quisesse e então a primeira vez tiveram de dividir a mesa as cinco e a conversa contra todas as expectativas foi tão animadora que as descomprimiu, de uma forma, que quiseram repetir e combinaram logo no final desse almoço que almoçariam juntas no dia seguinte e passado uma semana, Teresa deu por si ansiosa para que chegasse a hora de almoço para poder dar uma boa gargalhada e desanuviar dos problemas que os pacientes traziam para a clínica e para o seu dia a dia. – Acho que o médico que diz que consegue desligar totalmente após o expediente não está a ser completamente sincero ou então terei de rever os meus conceitos porque eu nunca consegui desligar totalmente, aliás volta e meia dou

comigo a pensar numa forma de resolver um ou outro caso mais complicado. – Explicava Teresa quando a questionavam sobre o assunto.

Falavam sobre todas as matérias que lhes vinham à mente, sobre notícias do mundo, sobre as respetivas vidas e problemas de cada uma, sobre o trabalho, sobre os filhos, afilhados, sobrinhos e apêndices, sobre moda e sobre homens. Teresa na sua primeira confissão à laia de desabafo, sentiu-se uma extraterrestre ou sei lá, uma aberração qualquer porque nunca pensou que o tema suscitasse a estranheza geral.

– Oh miúda, tens de ir para o Guiness. Olha eu é que conseguia lá travar a fogosidade do meu João, é que nem pensar. Uma vez ainda fomos apanhados em pleno ato pela minha melhor amiga e eu em vez de estar caladinha para passar despercebida ainda falei e lhe disse para que se juntasse a nós... – Contava Maria desatando a rir à gargalhada.

– Ouve lá, e como é que tu sabias que ele não era gay ou sei lá, travesti... – Perguntara Romi com falsa ingenuidade.

– Nós só não chegámos a vias de facto, de resto fazíamos tudo o que os namorados fazem, eu não sou santa nenhuma e olha que para manter o Santiago em banho maria durante quase três anos era porque eu era boa nalguma coisa, aliás durante o nosso tempo de namoro ele teve sempre a porta aberta para sair quando achasse que devia.

– Olha que nos dias de hoje se uma miúda é virgem é porque não presta, os rapazes gostam das que tem experiência. «Ah aquela deve ser boa, já namorou com fulano, sicrano e beltrano!» – Comentava sagazmente Isabel uma das mais liberais, que nunca se importava com nada, a casa podia es-

tar a cair que ela nunca demonstrava uma ruga ou um olhar de preocupação, sempre com aquele risinho histérico e nervoso como que a esconder algum segredo de estado, como por exemplo, que o seu casamento não era assim tão perfeito quanto queria fazer transparecer, mulher bonita mas de feições duras sempre a frequentar profissionais de beleza para retocarem algumas imperfeições que só ela via, insegura e de ciumeira sempre ao rubro olhava de soslaio para as colegas de trabalho que eram colaboradoras diretas do seu marido, se por acaso estas mostrassem demais as suas curvas graciosas ou um pouco mais de pele não fosse o marido cair em tentação, mas nunca fizera nenhum tipo de comentário na empresa a não ser um mero «Vais à festa hoje Alexandra?» ao qual Alexandra respondia sem rodeios: «já fui querida, é que eu não deixo os meus créditos por mãos alheias, para mim não há dor de cabeça que me faça negar fogo, é que sou uma mulher muito quente, sabes? Estou sempre pronta para a ação.»

Alexandra era perspicaz e sabia perfeitamente que era só dor de cotovelo porque apesar de já ter quarenta e cinco anos aparentava ter muito menos e tinha um corpo de fazer inveja a muita menina de vinte, ainda assim ela não conseguia perceber o porquê de tanto fel destilado por Isabel, Alexandra arquiteta, também ela casada, nunca tivera nenhuma atitude visível ou dissimulada em relação ao marido de Isabel que pudesse ser interpretada da forma deturpada que só ela via, Alexandra nem sequer duvidava que Isabel já teria pressionado o marido de alguma forma para que ele a despedisse, mas o marido não era dado a pressões desse tipo e não ia deixar que intrigas de mulheres lhe roubassem uma das suas princi-

pais colaboradoras, mas ela sabia perfeitamente que se a estabilidade familiar do patrão estivesse em perigo por causa dela embora que indiretamente, ele não iria pensar duas vezes em escolher um lado, por isso ela já tinha colocado as barbas de molho e arranjara outras atividades paralelas caso por algum motivo ficasse sem trabalho de um momento para o outro e com a sua idade não seria fácil voltar ao mercado do trabalho quando tantos jovens lutam por um emprego. Quanto a Isabel, apenas o contorcer nervoso com que se sentava à sua secretária demonstrava que tinha ficado com uma pedra no sapato e bastante incomodada com a resposta fazendo-se adivinhar que ali vinha bomba. Entre quatro paredes fazia as piores cenas de ciúmes que levavam o marido ao desespero e a apresentar-se ao trabalho sempre de semblante carregado e humor de rastos o que o fazia atingir tudo e todos ao seu redor. O marido, um empresário de sucesso na área de arquitetura, mantinha controlo acérrimo sobre as suas emoções e as finanças da sua empresa de arquitetura e também lá de casa, era ele quem conseguia ainda impor alguma ordem naquilo que por vezes era o caos total, Isabel nem se atrevia a dar um espirro fora do orçamento sem que ele tivesse conhecimento, ele erguera a pulso de ferro uma empresa em forte ascensão, mas em termos de humanidade deixava muito a desejar, com os seus colaboradores diretos chegava a ser de uma frieza cortante, para ele só o trabalho importava e só se preocupava com o lado dele, nunca o vira preocupado com algo que pudesse acontecer aos seus funcionários, a sua preocupação apenas se resumia a «Que chatice Alexandra! Então já não vem trabalhar hoje o dia todo, não é? Pronto, vou fazer

o quê? Resolva lá o que tem a resolver e volte assim que puder!», quanto a Isabel, esta nunca se preocupava se a família tinha a roupa passada ou as refeições prontas a horas, afinal as empregadas domésticas serviam para isso mesmo, nunca sabia onde ou com quem a filha estava, para ela não havia stress que a incomodasse, pelo menos aparentemente ela era uma cortina de ferro, uma divisória intransponível separava a sua vida pessoal da vida profissional, sempre a querer tirar nabos da púcara em relação à vida das outras pessoas, mas no que tocava à sua vida pessoal fechava-se em copas e era tudo guardado a sete chaves na caixa de pandora, a surpresa geral seria se um dia essa dita caixa fosse aberta. Para ela estava sempre tudo bem, claro com aquele tipo de comentário bem no momento certo, sempre dava para disfarçar e desculpar de alguma forma o facto da sua única filha de quinze anos ser alvo de comentários maldosos e considerada a mais rodada lá da zona e arredores, até tinha corrido o rumor de que já tinha feito um aborto, valia-lhe o facto de serem pessoas ricas e este caso assim como outros de contornos mais macabros envolvendo esta família ficavam mais ou menos abafados, mas pelos vistos da fama a herdeira já não se livrava, mas claro onde há dinheiro os desvios à moral são facilmente ultrapassáveis por homens com o faro apurado para o negócio, e hoje em dia apesar da dita evolução continua tudo na mesma, as riquinhas podem ser as maiores galdérias que o dinheiro à vista apaga o cadastro, as pobres têm de se manter sérias porque se não têm mais nada, qual seria o seu valor? Quantas vezes aconteceu em tempos passados que jovens menos abastadas engravidavam dos seus namorados e eram escorraçadas